

Diario da Noite

SÃO PAULO

2.ª Edição

Si V. S. desejar

a m a assignatura

de qualquer

jornal ou revista

do Brasil, dirija-se

ao LUX-JORNAL.



RIO — SÃO PAULO

17 ABR. 1943

ATE' A SRA. ELEONORA ROOSEVELT DESEJOU SABER O QUE E' QUE A BAIANA TEM



DORIVAL CAYMMI conta a história colorida das suas com posições famosas ao reporter do DIARIO DA NOITE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

quidou com os projetos. Fiquei sendo o que sou. Em vez de consultar manuais de Direito e obras requintadas de Jurisprudência, e a preocupação cotidiana de interpretar leis, faço canções para o povo, inspirando-me em temas populares. Em 1934 eu já tocava mal, su menos bem. Fazia parte de um grupinho que gostava da música. Um dos companheiros um dia teve uma idéia: — Vamos organizar um grupinho prá tocar no rádio? Podemos ganhar uns cobres. Afinal, nem só de música vive o homem... — E a ideia pegou?

— Você toca violão, eu vou no cavaco, você aí toma conta do reco-reco. E o tamborim? Quem se incumba do tamborim? Tem o Zé tampinha, aquele engraxate pretinho ali do largo, ele domina o tamborim como ninguém. E Zé Tampinha aderiu. E a estação anunciou a "temporada" (quando eu me lembro disso tenho até vontade de rir, eramos crianças e inexperientes!) do Grupo "Os Três e Meio".

— Qual a origem do nome? — Três rapazes, eu e mais dois, já eramos mais taludos. Como o Zé Tampinha era um projeto de gente, botamos o nome de "Três e Meio" no grupo. Foi o primeiro sucesso, recebemos as primeiras palmas, os primeiros estímulos. Fiquei no Rádio até 1937, quando fiz um concurso para ingresso no funcionalismo público. Esperei a nomeação com uma paciência de Job. E nada! Enquanto esperava a nomeação, que não vinha, fui compondo fui compondo. E nasceram, então, "O que é que a baiana tem?", "A preta do acarajé", "O Mar", "Você já foi a Baía?" "Vatapá"...

NÃO COMPONE SOB MEDIDA, DE ENCOMENDA

Ha muito compositorzinho-sloper que posa de folclorista. Dorival fixa o seu critério de compositor com estas palavras:

— Não componho sob medida, não faço musica de encomenda. Não sou um pesquisador de temas folclóricos, se bem que alimento projetos nesse sentido. Futuramente pretendo viajar, recolher temas folclóricos. Apenas

me inspiro em temas tipicamente populares. E só mesmo depois que um acontecimento, um gesto, uma coisa qualquer me emociona profundamente é que componho. Vou lhe dar um exemplo: a composição "O Mar" nasceu de modo curioso. Em 1938, durante uma Proclamação dos Navegantes, ocorreu uma tragédia brutal, dolorosa. Os barcos saíram alegres, enfeitados, com a imagem do Senhor dos Navegantes à frente. O mar estava bravo, revoltou. E alguns barcos viraram. Cenas lancinantes se desenrolaram na praia. Gente chorando enquanto os corpos inanimados chegavam. Moços e moças não voltaram nunca mais, eu costei então toda a história.

— Percebi o violão e cantou a canção triste:

— Eu fiquei olhando prá ondas, rondando, rondando...

"Pecador não vá pra pesca que é noite"

Caymmi se entusiasma. E vai contando a origem das suas composições, com o acompanhamento do seu violão inseparável e com a sua voz embebida de romantismo:

— Ouça a "Noite de Temporal". Nas noites de temporal, as mulheres baianas não dizem aos esposos e aos noivos que ficam em casa. Apenas recomendam, invocam os perigos.

— Pescador não vá pra pesca que é noite de temporal...

E a voz sabia, a intuição prodigiosa da gente simples. E' uma canção dolente, que canta a beleza, o misterio insondável do mar, daquele mar azul das praias largas e belas do Recôncavo.

Caymmi canta, depois, historiando a origem da "A Jangada voltou só" e de outras canções que vamos ouvir hoje à noite, às 21 horas, na Tupi.

UMA COMPOSIÇÃO QUE RENDEU CEM MIL CRUZEIROS

Volta-se a falar sobre a mais famosa de suas composições.

— "O que é que a baiana tem?" foi feita sem nenhuma intenção, nunca julguei que ela se popularizasse tanto. Um dia, vendo uma baiana fabulosa se requebrando no delirio da dança, fiquei emocionado. Que coisa louca! Parecia um extase... Então fiz a composição para fixar a graça, o feitico da mulher do povo. E a minha baiana virou turista e começou a viajar por esse mundo de Deus...

E fez esta revelação sensacional:

— Recebi cinco mil cruzeiros pelo aproveitamento da musica no filme "Serenata Tropical", com Carmen Miranda. Quasi nada, não é?

— E o disco, rendeu muito?

— Não tanto assim: uns dez mil cruzeiros. Com direitos autorais, etc. "O que é que a baiana tem" me rendeu até agora uns cem mil cruzeiros. Segundo me contaram, a baiana ainda não caiu da moda, nos Estados Unidos. Enstia-se, na Broadway, uma nova revista em torno do tema que a canção sugere. A baiana continua viva, dominadora, sem Lamer concorrência. E assim continuará ainda durante muito tempo.

— E o tipo criado por Carmen Miranda?

— Não é bem a baiana, é uma baiana para inglês ver, muito teatral. Tem alguma coisa da baiana, mas não tem tudo da baiana. E uma baiana precisa a cartoca, compreende?

O TEMA DA GUERRA

— Caymmi, você não tem nenhuma composição baseada na temática sugestiva da guerra?

— Eu? Não... Acho que não se deve cantar com tristeza a guerra.

Sou contra essa coisa de falar em lágrimas, em angustias, em dramas decorrentes da guerra. E' contra o meu feitico, entende? Poderia, se me emocionasse com um gesto popular, com uma tendência irresistível do povo, compor uma canção de estímulo, ou uma melodia capaz de fixar um instante de sadia vibração nacional. Isso sim, talvez faça ainda...

AQUARELA RECIFENSE

E observou:

— Entre as novidades que reservei para os paulistas, figura "Dora", uma pagina do Recife cortado de rios e cheio de pontes, com suas fontes coloridas.

Pegou no violão e cantou baixinho a canção, que é uma aquarela sentimental do Recife. Todo o romantismo, todo o espirito da cidade tradicional, toda a beleza nativa das suas velhas arvores, dos seus recantos historicos e a palpitante vivacidade das suas festas populares ali está, num milagre de síntese. "Dora" se inicia num compasso saltitante e festivo de frevo bolindo com os nervos da gente. E, depois, subitamente, a religiosidade densa do maracatu tece um clima de rara profundidade, todo o anseio em torno de "Dora", que vai passar, se traduz através de queluxmes ternos. E ela passa. E quando ela passa, o artista exprime a alegria doída através dos compassos finais do frevo rapido e alegrissimo.

— Você não tem alguma composição sobre o Rio?

— E' outra novidade que reservei para os paulistas. Trata-se de uma composição enternecedora, extremamente lirica. Sabe como nasceu? Em certa manhã eu estava em casa, em Grajaú, lendo um livro de Jorge Amado. Ouvi, então, o pregão matinal do amolador que passa todos os dias pela minha rua, saltando no ar a mensagem musical do seu oficio. O refrão singelo da sua gatinha tristonha me emocionou.

E botou um ponto final na conversa:

— Se eu fosse contar a história de cada uma das minhas composições, ficaríamos aqui conversando o dia todo. Se eu lhe contasse a história do "Rodapiá" — que é baseada num dos folguedos infantis mais pitorescos e conhecidos do Brasil, até eu ficaria triste ficar com uma vontade doída, irresistível, de voltar a ser criança e, numa pracinha qualquer, de qualquer cidade brasileira, passar o dia inteiro banzando.

E cantarolou:

— Roda, roda, roda pião...